

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

GABRIEL DOS SANTOS DA SILVA

EXPERIÊNCIAS COM RETRATOS NA ARTE-EDUCAÇÃO INFANTIL

SÃO PAULO

2023

GABRIEL DOS SANTOS DA SILVA

EXPERIÊNCIAS COM RETRATOS NA ARTE-EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Arte da Unesp como requisito para obtenção do título de Licenciado em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586c Silva, Gabriel dos Santos da, 1996-
Experiências com retratos na arte-educação infantil / Gabriel dos Santos da Silva. -- São
Paulo, 2023.
35 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Crianças - Formação. 3. Desenho infantil. 4. Autorretratos. I.
Romagnolo, Sérgio (Sérgio Mauro Romagnolo). II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. III. Título.

CDD 741.083

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

GABRIEL DOS SANTOS DA SILVA

EXPERIÊNCIAS COM RETRATOS NA ARTE-EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Arte da Unesp como requisito para obtenção do título de Licenciado em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo

Trabalho aprovado em: 22/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo - Orientador

Prof. Dr. Denise Pereira Rachel – Instituto de Artes da Unesp

RESUMO

A educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, não apenas no que diz respeito habilidades e criatividade, mas também na formação de sua identidade, valores e compreensão do mundo ao seu redor. Neste contexto, arte-educação surge como um espaço de permissão para expressar emoções e pensamentos de forma expandida, é onde se manifesta liberdade criativa e reflexão, com potência de promover uma visão mais respeitosa e inclusiva das diversas formas de representação. Este trabalho surge de experiências pontuais na arte-educação em contexto informal, a partir da disparidade de realidades sociais, proponho uma abordagem espontânea, combinando novos referenciais com práticas de desenho como um experimento reflexivo e de auto-observação.

Palavras-chave: Arte na educação; Crianças – Formação; Desenho infantil; Autorretratos

ABSTRACT

Early childhood education plays a fundamental role in children's development, not only concerning skills and creativity but also in shaping their identity, values, and understanding of the world around them. In this context, art education emerges as a space that permits the expression of emotions and thoughts in an expanded manner; it is where creative freedom and reflection manifest, with the potential to promote a more respectful and inclusive view of diverse forms of representation. This work stems from specific experiences in informal art education within different social realities. I propose a spontaneous approach, combining new frameworks with drawing practices as a reflective experiment and self-observation.

Keywords: Art in Education; Children – Formation; Children's Drawing; Self-Portraits

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: primeiras experiências na arte-educação -----	08
2. A QUESTÕES DA REPRESENTAÇÃO: outros retratos -----	10
3. REMONTANDO RETRATOS-----	26
3.1 Fichas disparadoras -----	27
4. CONCLUSÃO -----	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	

1 INTRODUÇÃO: primeiras experiências na arte-educação.

O fazer artístico, muitas vezes, é algo que me remonta à infância, como brincar de ateliê, experimentar materiais e registrar em desenhos. Antes de iniciar meus estudos nas artes visuais, na área da educação como formação e trabalho, minhas experiências eram voltadas para áreas administrativas, depois mecatrônica, programação e design. Até o último dia de inscrição no vestibular, artes visuais era um dilema. Tive algumas opções, mas optei pelo bacharelado e licenciatura em artes visuais na Unesp campus Bauru e, iniciar essa trajetória acadêmica foi como um reencontro com a infância. Em 2018 retorno para São Paulo com transferência para o Instituto de Artes, em que a partir dos estágios em exposições de arte começo a trabalhar com arte-educação.

Primeiro, na 33ª Bienal de São Paulo, onde a proposta curatorial enfatizava o potencial da atenção à obra de arte, como contraposição ao modo dispersivo com que hoje nos dedicamos a inúmeras tarefas simultaneamente. A atenção não era um tema que organizava a mostra, mas uma questão atual a enfrentar. O desafio, portanto, foi conceber a publicação do material educativo, como um dos principais instrumentos de mediação entre a Bienal e os professores, através um conjunto de exercícios com enfoque na atenção. Essa era uma escolha de duas vias: de um lado, almejava encontrar uma forma relevante de estruturar o encontro do visitante com objetos que podem estar fora de seu repertório habitual de experiências. Por outro, fundava-se na crença de que hoje nossa atenção está sendo atacada pelas várias forças de distração personificadas nos smartphones, que a maioria das pessoas carrega consigo, fonte infinita e constante de sedução e de atração da nossa atenção.

Minha segunda experiência, foi na exposição “À Nordeste”, no Sesc 24 de Maio, em que a partir da provocação do artista cearense Yuri Firmeza, sobre a noção do 'Nordeste', o intuito era explorar o 'estar à Nordeste', desafiando identidades fixas e problematizando concepções estereotipadas. O conjunto de obras, incluía artistas renomados e emergentes, buscando apresentar as questões contemporâneas e a potência criativa da região nordeste. Logo em seguida, estagiei na exposição “Entrevendo: Cildo Meireles”, no Sesc Pompeia, a proposta da exposição era uma antologia poética e histórica de Cildo Meireles, com trabalhos memoráveis até novas instalações interativas. Nas visitas agendadas com escolas, universidades, público espontâneo e específico nestas últimas três exposições que atuei, percebia que enquanto as questões expostas pelos visitantes nos acompanhavam nas interações com as obras, as questões conceituais da própria

curadoria forjavam o eixo da nossa visita e, nesses momentos uma outra questão, mas de Aracy Amaral, parecia habitar naquelas estruturas:

“Qual deve ser a função da crítica de arte em países que lutam contra o subdesenvolvimento, realidade nas quais a produção artística pode parecer totalmente supérflua diante dos problemas de sobrevivência que nos rodeiam a todos? Qual deve ser a responsabilidade da crítica de arte nos assinalar direções para a apreciação do que existe como criação plástico-visual válida, em ambientes como o nosso, pleno de injustiças sociais clamorosas, pontilhado de autoritarismo, repressão, caracterizado pela dependência econômica, pela corrupção, desemprego, e onde o elitismo é uma característica do meio cultural?”¹

¹ AMARAL, Aracy A. Reflexões sobre a responsabilidade social da crítica de arte na América Latina. Crítica de arte no Brasil - temáticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

2 A QUESTÕES DA REPRESENTAÇÃO – OUTROS RETRATOS

“Dentro da ciência tradicional, a hermenêutica faz das relações entre obra e interprete o centro dos seus esforços. Devemos a ela o conhecimento de que a obra de arte, como objeto de conhecimento possível, não nos é dada tel quel. Para identificar um texto como poema, precisamos lançar mão de um conhecimento prévio que é transmitido pela tradição. (...) As objetivações intelectuais não possuem o status de fatos; são mediadas pelas tradições. Daí o conhecimento da literatura apenas pode suceder pela via do debate crítico com a tradição. E, uma vez que se deve à hermenêutica o conhecimento da transmissibilidade das objetivações intelectuais pela tradição, é natural que a comecemos a nossas reflexões pela crítica da hermenêutica.” Hans Belting²

Um tema comum e presente nas exposições, às vezes de modo mais ou menos sutil - sobretudo nas que atuei como educador - são os retratos e autorretratos, cuja presença de clássicos da história da arte quando não impressionam fazem falta e deflagra um certo déficit da discussão de representação, autorretrato ou identidades num geral. Quantas vezes, após longos momentos com grupos de visitantes na exposição “À Nordeste”, no Sesc 24 de Maio, o imaginário que acabamos de questionar em função da proposta curatorial, mas também pelas demandas e referenciais do próprio público envolvido, se voltava seduzidos as ultrapassadas literaturas diante dos “Retirantes” do Candido Portinari, por exemplo.

Nas visitas, as nuances das diferentes classes sociais se destacavam sem necessidade de menção explícita. Durante minha experiência nas exposições de arte em São Paulo, pude testemunhar o encontro de corpos negros vindos das periferias, com as estruturas centrais da cidade como forte potência criativa, mas também com muito embate político. A centralidade da instituição se estende também as narrativas e, a nível de referenciais de representação do povo negro no Brasil,

² BELTING, HANS. O fim da história da arte. P.20. Cosac Naify, 2004.

Tadeu Chiarelli³ bem aponta como a arte durante o século XIX é repleta de imagens do negro apresentando sua força de trabalho ou submetido as condições de escravidão e, esse cenário muda com os pintores do século XX, em que o termo “arte afro-brasileira” se estabelece incorrendo questionamentos sobre sua definição, alcance e quais obras⁴. Em um contexto educativo de história da arte, é comum um currículo com inúmeros movimentos, vanguardas, internacionais e nacionais, analisadas em questões formais, temáticas, conceituais etc., mas ao se aproximar das noções de identidade nacional, a partir do século XX, o cenário apresentado é mais centralizador do que representativo – e pouco é revisto, ressignificado ou reescrito.

“A única desculpa convincente que tem um autor vivo para “não mexer em nada” é a vontade de não se mexer ele mesmo.” Viveiros de Castro⁵

Nos espaços expositivos em que atuei como educador, as visitas com grupos de escolas tinham algo em comum, mas também peculiar nos momentos em que as questões de identidade e representação eram suscitadas. Abria-se uma pequena fissura, mas com demandas profundas que, quando refletidas ali, evidenciavam relações com cânones envolvendo uma série de emoções; para alguns grupos, a reverência; para outros, a repulsa. As atividades que envolviam alguma prática de desenho em relação a exposição, representação e autorretrato, os resultados eram interessantes, mas não menos previsíveis, a dificuldade de se observar e desenhar seu reflexo no espelho. Se tratando de grupos de escolas públicas periféricas, com crianças e adolescentes majoritariamente negros, muitas outras camadas surgem através do traço, então abrimos um diálogo aberto e o espaço de acolhimento se forma.

Diante de situações envolvendo inclusive casos de racismo, comecei a repensar as práticas de desenho apresentando referências modernas e contemporâneas nos meus encontros com os grupos, de modo que as obras com a representação do corpo negro latino-americano tragam imaginários e contextos que não nos leve as narrativas de hostilidade ou objetificação. Portanto a busca por pintores negros foi o ponto inicial, não limitei pela questão temporal, mas um critério subjetivo de diversidade de posturas e contextos.

³ CHIARELLI, Tadeu. Sidney Amaral: Entre a afirmação e a imolação. Arte!Brasileiros, 2018. Disponível em <https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/sidney-amaral-entre-a-afirmacao-e-a-imolacao/> Acessado em 24/06/2023.

⁴ Arte Afro Brasileira (uma “pré” -história do conceito). Museu Afrobrasil Emanuel Araújo. Disponível em <www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/movimentoseseconomicos/arte-afro-brasileira> Acessado em 25/09/2023

⁵ RIBEIRO, Darcy. Eduardo Viveiros de Castro. Encontros. Rio de Janeiro. Beco do Azougue, 2007. P.22.

Os retratos mais posados, como de um álbum de família ou mais profissional, encontro nas pinturas de Kika Carvalho, em que o corpo negro é reconhecido nos traços e em cor de pele azul, o que sintetiza e ressignifica - senão inclusive, ironiza – tantas narrativas que logo anuncia a qualidade da discussão sobre cor que queremos introduzir. Já em Dalton Oliveira de Paula, os retratos pintados se destacam pela folha de ouro nos detalhes do rosto negro ou ainda, Frida Kahlo com cenários e formas de se representar extremamente intensos. O contexto de pessoas negras se divertindo, celebrando ou brincando, atravessa tantos estilos estéticos, temporais e territoriais tão potentes e representativos quanto ocultos de um senso comum, então seleciono algumas pinturas de artistas como Maria Auxiliadora, Heitor dos Prazeres, Annie Tolliver, Kerry James Marshall, Kerry James Marshall para instigar as possibilidades narrativas de como apresentar esse corpo.

Diante da diversidade de abordagens e representações exploradas nas exposições e espaços que atuei, tornou-se evidente o papel vital das reflexões sobre identidade e representação. A presença marcante de retratos e autorretratos revela não apenas os processos históricos da arte, mas também desafia os paradigmas estabelecidos em relação à representação do corpo negro. Nas exposições, pude testemunhar a importância dessas discussões sobretudo com grupos de escolas periféricas, em que ausência de referenciais do corpo negro é ponto crucial para a formação da autoestima. Buscar artistas que transcendam narrativas de hostilidade ou objetificação foi o eixo essencial para construir um ambiente de acolhimento e diálogo aberto.

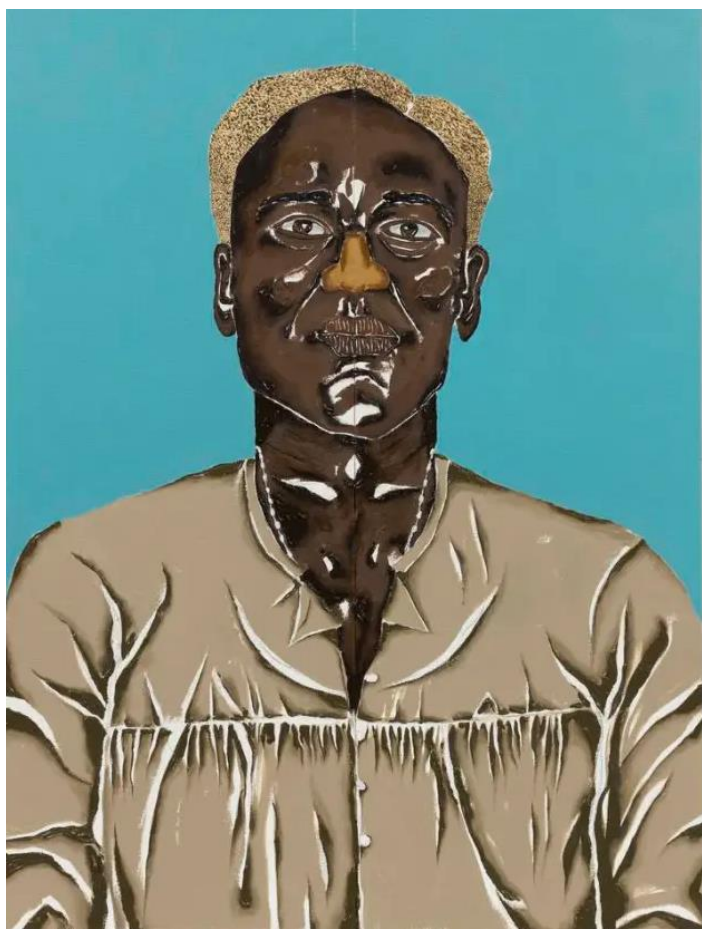
A introdução de obras de pintores negros contemporâneos e modernos proporciona novos imaginários e contextos, redefinindo as narrativas em torno da representação. Portanto, ao explorar pinturas como as de Kika Carvalho, Dalton Oliveira de Paula, Frida Kahlo, Maria Auxiliadora, Heitor dos Prazeres, Annie Tolliver e Kerry James Marshall, fomos confrontados não apenas com a beleza e intensidade das representações, mas também com a complexidade de relatos ocultos, em que entendemos como a trajetória da arte afro-brasileira demonstra a necessidade de reavaliar e reescrever as narrativas que envolvem a identidade nacional. Estimular essas possibilidades narrativas se tornou fundamental para enriquecer a discussão sobre a representação do corpo, rompendo com paradigmas estabelecidos e abrindo espaço para um diálogo mais inclusivo e representativo das artes visuais.

Figura 1 - Kika Carvalho (1992). Espírito Santo, BR



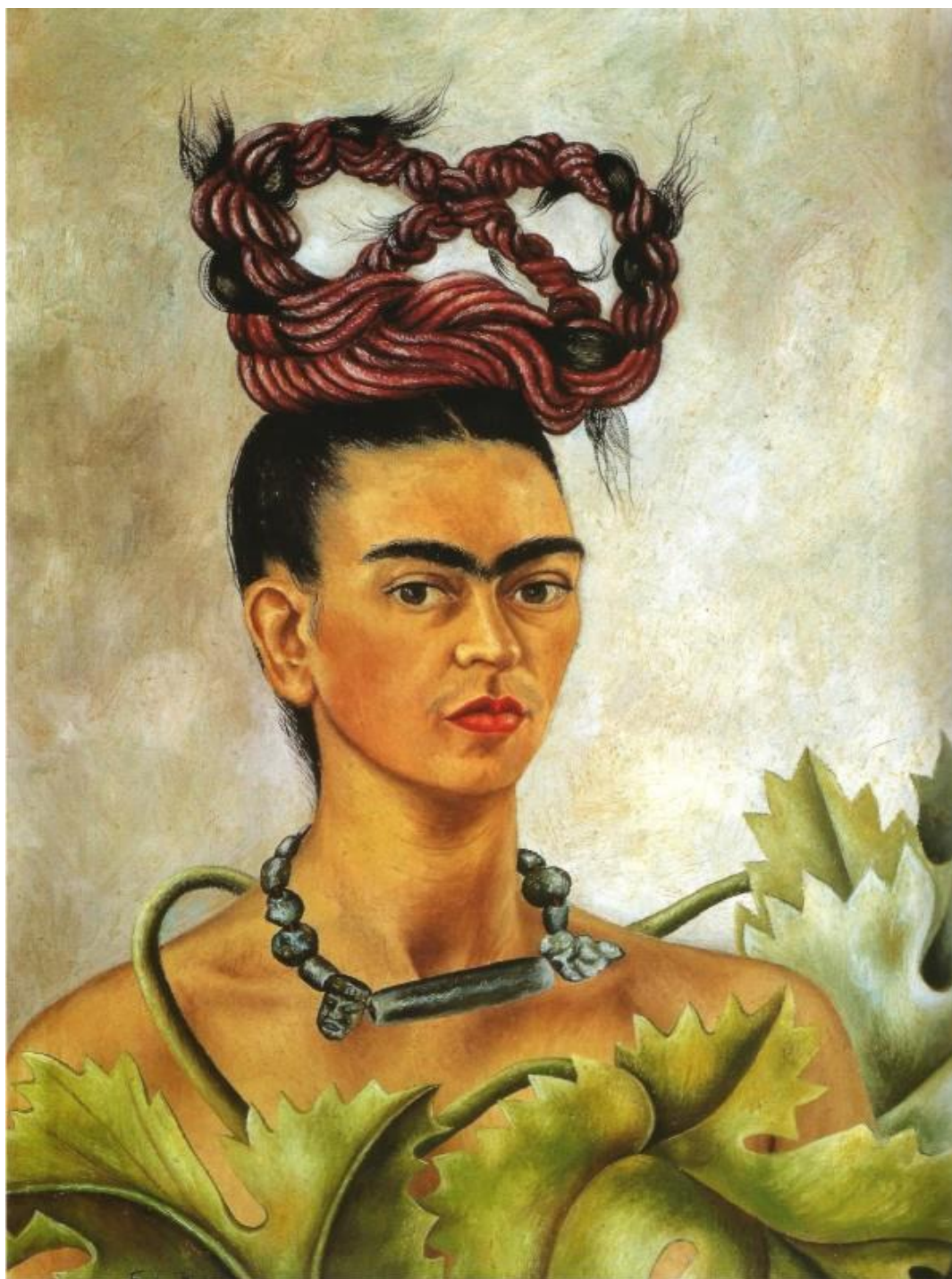
Fonte: Prêmio Pipa

Figura 2 - Dalton Oliveira de Paula (1982). Goiás, BR.



Fonte: MASP

Figura 3 - Frida Kahlo (1907-1954). Cidade do Mexico, MX.



Fonte: ebiografia

Figura 4 - Kerry James Marshall (1955). Alabama, EUA.



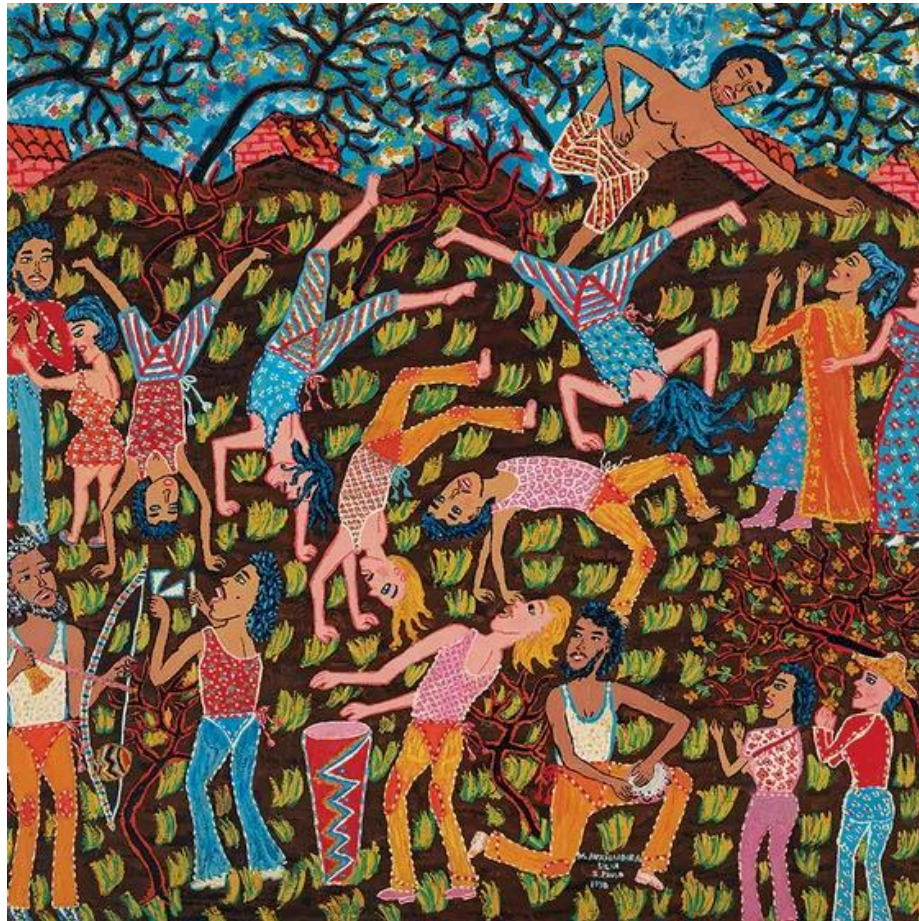
Fonte: The Metropolitan Museum of Art

Figura 5 - Annie Tolliver (1950-2018). Alabama, EUA.



Fonte: Concept Art Gallery

Figura 6 - Maria Auxiliadora da Silva (1935-1974). São Paulo, BR



Fonte: MASP

Figura 7 - Heitor dos Prazeres (1898-1966). Rio de Janeiro, BR.



Fonte: MASP

Figura 8 - Kerry James Marshall (1955). Alabama, EUA.



Fonte: The Metropolitan Museum of Art

Figura 9 - Maxwell Alexandre (1990). Rio de Janeiro, BR



Fonte: Prêmio Pipa

Figura 10 - Jacob Lawrence (1917-2000). Washington, EUA.



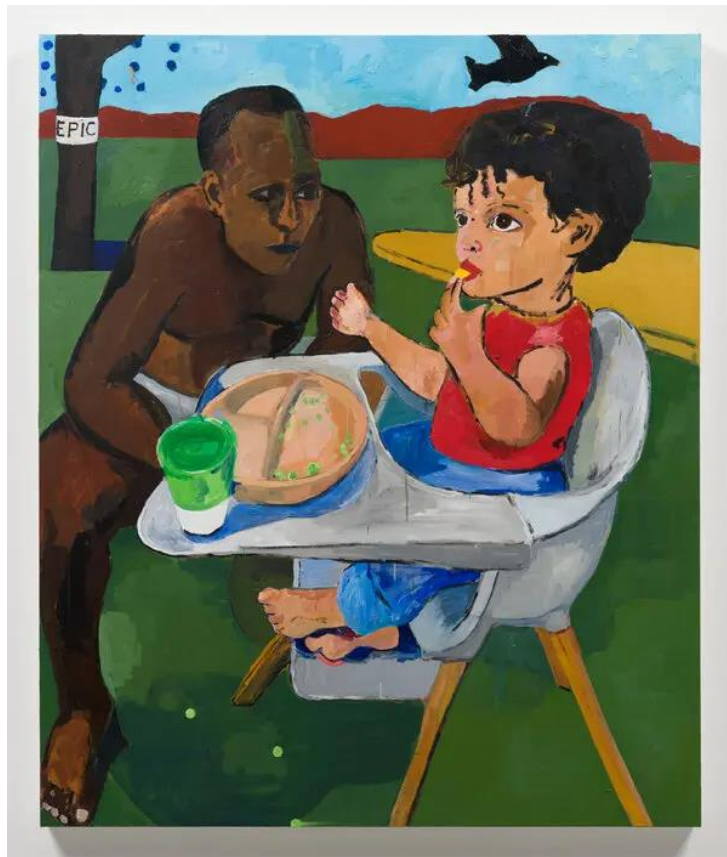
Fonte: Vermelho

Figura 11 - Jean-Michel Basquiat (1960-1988). Nova Iorque, EUA.



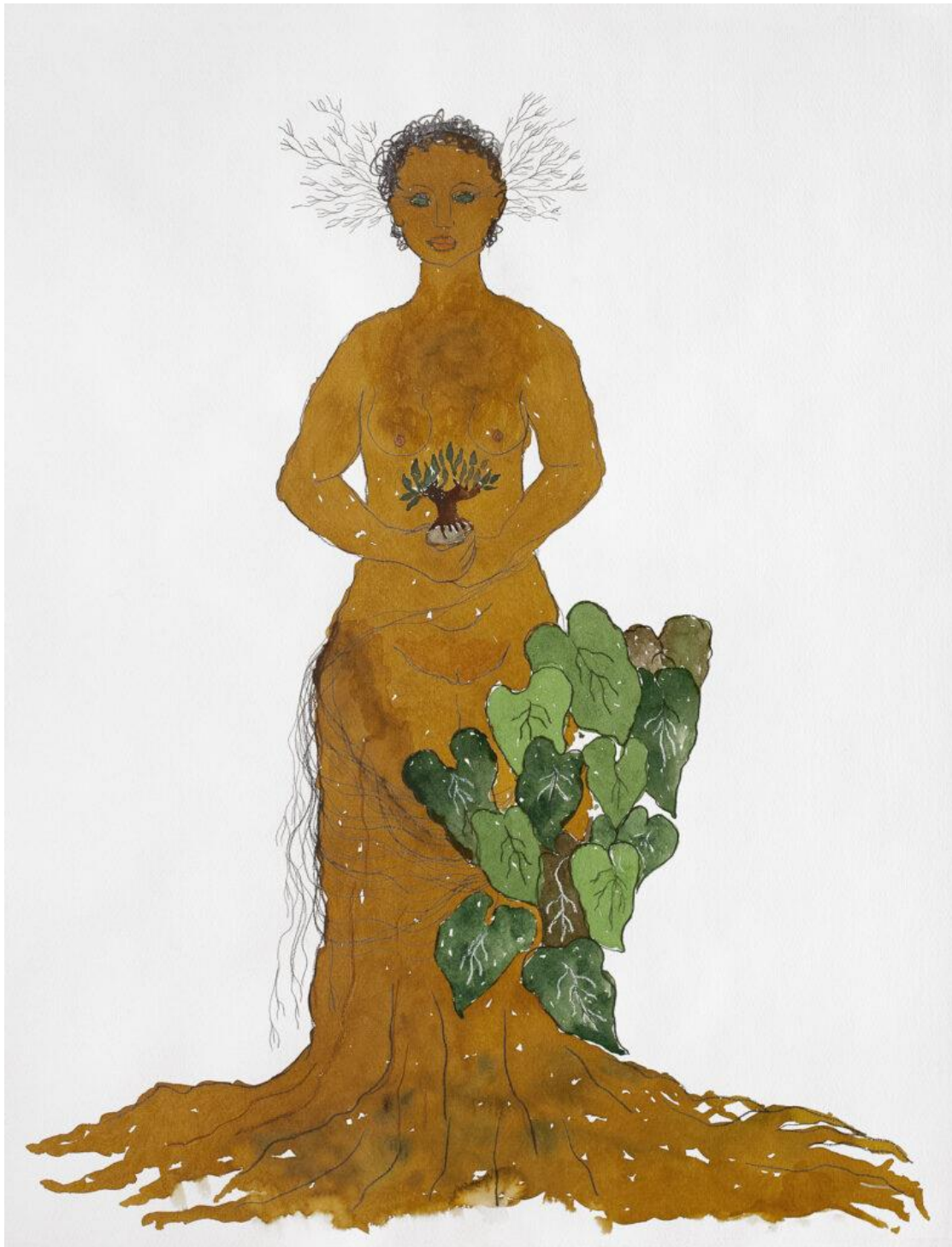
Fonte: ArtRef

Figura 12 - Henry Taylor (1968). Califórnia, EUA



Fonte: Hauser & Wirth

Figura 13 - Rosana Paulino (1967). São Paulo, BR.



Fonte: Art Ref

3 REMONTANDO RETRATOS

O tema retratos e representações se tornou um dispositivo de atividades com as crianças periféricas a partir de outro incomodo; ao ver nas propostas mais comuns como, desenhe você ou sua família, há um apelo além do fantasioso e colorido. Crianças negras disputam os lapis dos tons mais claros para representar o cabelo, a pele e os olhos que não tem - mas tudo de forma muito sutil e talvez seria imperceptível se não colocássemos os desenhos de todos no chão.

Pensando em como contornar essa situação, comecei a esboçar propostas de atividade mais dinâmicas, experimentais e também sistematizadas, com instruções simples e possíveis de ser aplicadas em várias didáticas e contextos com público infantil, organizo as ideias fichas disparadoras de modo que possam surgir como um jogo ou sorteio. Independente de como será apresentado e escolhido as fichas, o importante é torná-las cada vez mais fluidas e adaptáveis, sujeitas a reconfigurações e intervenções do próprio grupo. O roteiro e materiais simples são a base, isso, porque o foco não será o resultado mas o processo, o tempo de criação e observação dos envolvidos nas propostas.

Em síntese, o uso do tema do autorretrato e representações na interação com crianças revela-se não apenas como uma atividade artística, mas como um meio de empoderamento, expressão e inclusão. Ao estimular a expressão autêntica da identidade de cada criança, promovemos a valorização da diversidade, introduzimos conceitos antirracistas e criamos um ambiente educacional mais respeitoso e inclusivo. É fundamental continuar desenvolvendo abordagens dinâmicas, sistematizadas e flexíveis, centradas no processo criativo e na observação atenta. Essas estratégias, além de fomentar habilidades artísticas e históricas de maneira lúdica, tem a potência de fortalecer a autoestima das crianças, permitindo que elas se reconheçam e se afirmem através da arte. Ao final, o verdadeiro valor reside não somente no resultado visual, mas na jornada de descoberta, aceitação e celebração da individualidade e diversidade de cada um. Este método, busca além de nutrir habilidades artísticas, mas construir alicerces para acolhimento em que todas as vozes, cores e formas são apreciadas e celebradas.

3.1 FICHAS DISPARADORAS

RETRATOS RÁPIDOS

Diante de um espelho, convidamos os participantes se olharem e sugerimos:

1. Que se observe por um minuto e guarde o espelho. Depois, desenhe o que mais observou em si por no máximo um minuto;
2. Desenho cego: em frente ao espelho, se observe e desenhe sem olhar no papel;
3. Em frente ao espelho, desenhe sem tirar o lápis do papel;

ZINE REtrato

1. Com um grupo de crianças em círculo, ensinamos a dobradura de zine em papel A4, de modo que temos seis páginas;
2. Na primeira página, sugerimos que faça um desenho retratando como você se vê;
3. As crianças passam o zine para o lado e agora, a pessoa ao lado que fará seu retrato na página seguinte.
4. Os zines vão passando até todas as páginas estarem preenchidas pelo retrato de uma pessoa feita por várias;

LOUSA MÁGICA

1. Em uma folha canson, preencha todo o espaço colorindo com giz de cera;
2. Depois pinte com tinta guache preta, quantas camadas forem necessárias até cobrir toda área colorida de giz de cera;
3. Quando a tinta estiver seca, sugerimos que os alunos desenhe o que represente seus gostos;

DE FRENTE COM AMIGO(A)

1. Façam duplas e se posicionem frente a frente;
2. Para soltar o traço, desenhe a pessoa na sua frente em tempos diferentes: primeiro em 30 segundos, depois 1 minutos, por fim, 3 minutos.
3. Observe a pessoa em frente e a desenhe sem olhar no papel;
4. Em outra folha, faça outro desenho mas sem tirar o lápis do papel;

EXPRESSÃO EM TINTA

1. Com o grupo de crianças, propomos que se observem no espelho por 3 minutos, guarde os espelhos;
2. Vamos utilizar tinta acrílica ou guache e papel canson ou cartolina;
3. Eles deverão pintar um retrato de si sem a utilização de pincéis tradicionais. Podem usar a mão, esponjas, palitos, folhas e outras ferramentas para explorar os resultados.

RETRATO COLETIVO

1. Divida os participantes em grupos de três;
2. Cada pessoa desenha uma parte do rosto do colega ao seu lado, sem ver o que os outros estão desenhando.;
3. Por exemplo, um desenha os olhos, outro desenha o nariz e outro a boca. Depois, juntam os desenhos para formar um retrato único e coletivo;

VÁRIAS EXPRESSÕES

1. Com um grupo de crianças em círculo, ensinamos a dobradura de zine em papel A4, de modo que temos seis páginas;
2. Peça para as crianças desenharem diferentes expressões faciais em cada página. Por exemplo, uma página para "feliz", outra para "triste", e assim por diante;
3. As crianças podem passar os zines entre si, desenhando e completando as expressões em todas as páginas;

AUTORRETRATOS NO ESCURO

1. Propomos que as crianças se observem no espelho por 3 minutos, guarde os espelhos;
2. Peça para as crianças fazerem autorretratos, mas com os olhos fechados ou vendados;
3. Pode ser fazer com lápis, caneta, giz ou qualquer material de desenho em bastão;

TEMPO-RETRATO

1. Peça que os participantes se dividam em dupla e se posicionem frente a frente;
2. Inicie o desenho um do outro, dando a eles um curto período de tempo (por exemplo, 30 segundos) para criar um esboço rápido do rosto do colega;
3. Após o tempo ter passado, faça uma pausa e aumente o tempo de desenho (por exemplo, 1 minuto);
4. Repita o processo novamente, dando ainda mais tempo (por exemplo, 3 minutos);

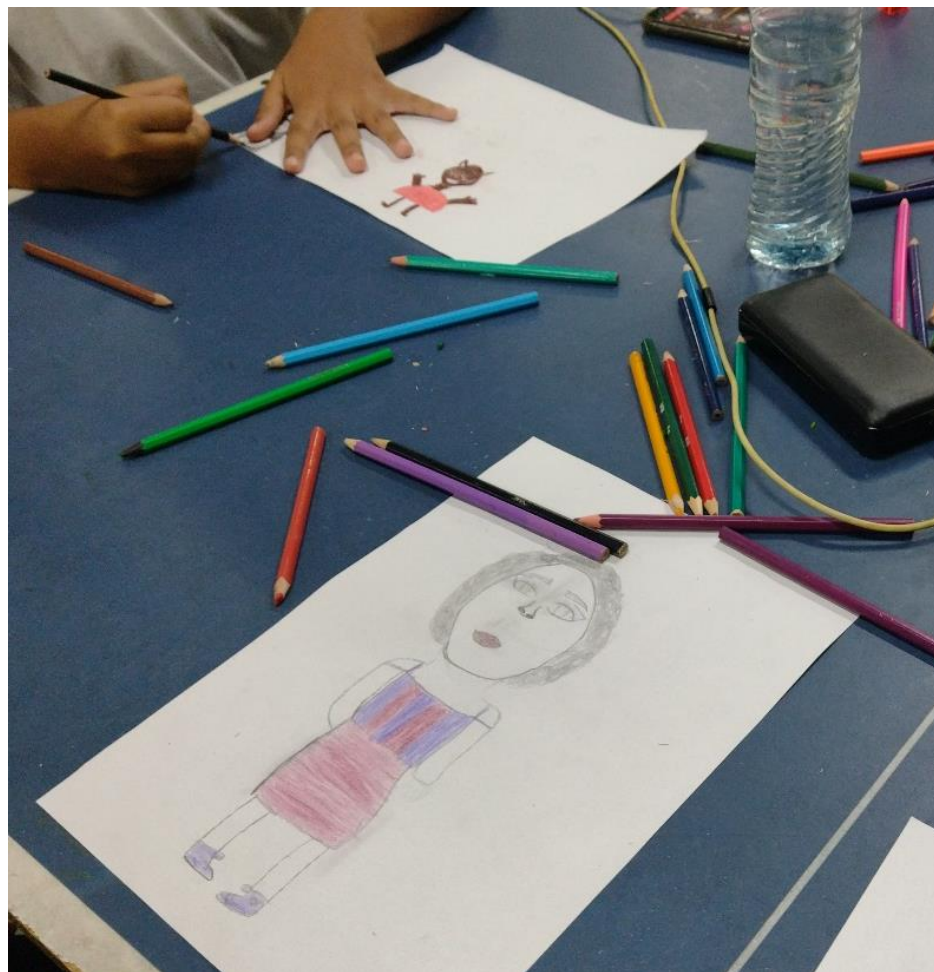
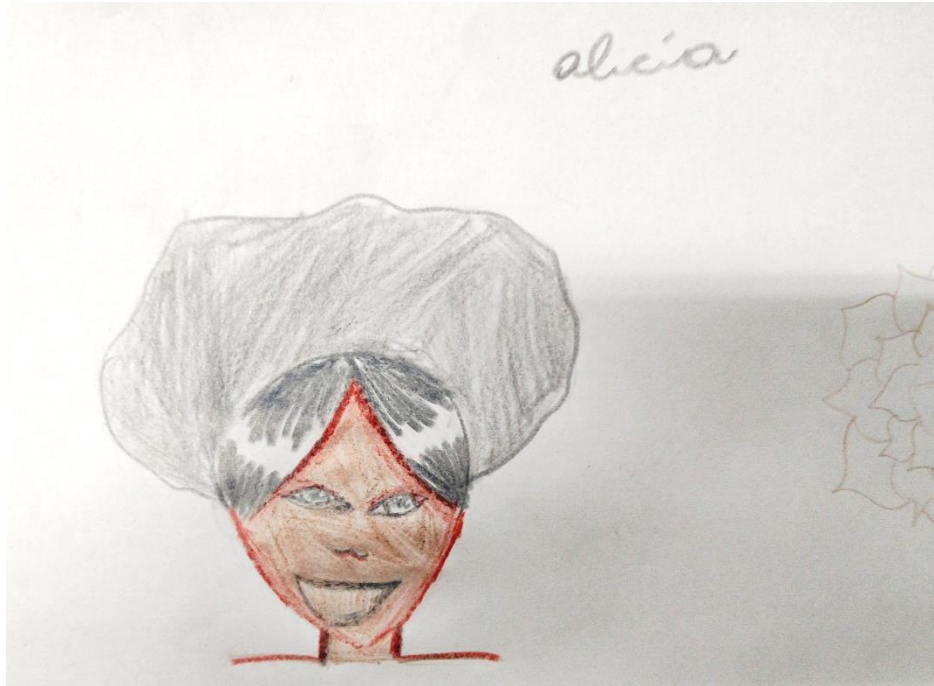
Figura 14 - Registros de alguns processos com as crianças do CEU Água Azul e da Academia Carolinas, na Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo, 2023.



Fonte: Acervo pessoal



Henri, 12 anos. Desenho cego. CEU Água Azul. São Paulo, 2023.





Academia Carolinas. Cidade Tiradentes, São Paulo, 2023.



Kaique e amigos, 07-10 anos. Academia Carolinas, Cidade Tiradentes, São Paulo.



Bel, 10 anos. Atividade de lousa mágica. Academia Carolinas, Cidade Tiradentes, São Paulo.

CONCLUSÃO

A pessoa que tem o hábito da arte, que se entrosa bem com a arte e é contaminada por ela não se sente isolada em lugar nenhum do mundo.

Ana Mae Barbosa

A arte-educação é como uma prática em constante descoberta e transformação, em que a representação e os retratos se tornam meios de expressão e reflexão, para além da questão do caráter identitário. Ao explorar o tema do retrato e representações, especialmente em contextos periféricos, percebo a complexidade por trás das atividades aparentemente simples. Crianças enfrentam desafios ao se depararem com propostas que não refletem suas características, resultando em um questionamento sutil, porém revelador.

Nesse cenário, a busca por dinamismo, experimentação e sistematização na abordagem dessas atividades se torna eixo fundamental. A criação de fichas disparadoras que possam ser adaptadas a diferentes didáticas e contextos infantis, busca oferecer nada além de uma abordagem mais inclusiva e flexível. A ideia de transformar essas orientações em um jogo ou sorteio visa ampliar a participação e o engajamento das crianças, permitindo que elas se apropriem da criação. O foco principal desloca-se então do resultado para o processo em si, valorizando o tempo dedicado à observação, experimentação e expressão. O roteiro simples e os materiais básicos constituem a base da proposta, pensando em estimular a liberdade criativa com poucos materiais, a intervenção do próprio grupo é não apenas encorajada, mas celebrada.

Assim, a arte-educação se revela como um espaço de liberdade, criatividade e reflexão, em que a representação artística se torna uma ferramenta potente para expressar identidades e questionar padrões estabelecidos; através uma abordagem mais inclusiva e adaptável não apenas pela oportunidade de criar, mas também de aprender e se reconhecer no processo, promovendo uma visão mais ampla e respeitosa das diversas formas de representação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMARAL, Aracy A. Reflexões sobre a responsabilidade social da crítica de arte na América Latina. Crítica de arte no Brasil - temáticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

BARBOSA, A. M (org.); WILSON, B. et al. Arte Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2005.

BELTING, HANS. O fim da história da arte. P.20. Cosac Naify, 2004.

BUORO, A. B. O Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

CHIARELLI, Tadeu. Sidney Amaral: Entre a afirmação e a imolação. Arte!Brasileiros, 2018. Disponível em <https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/sidney-amaral-entre-a-afirmacao-e-a-imolacao/>. Acessado em 24/06/2023.

DUARTE JÚNIOR, J. F. Fundamentos estéticos da educação. Campinas: Papirus, 2007.

EISNER, E. Estrutura e mágica no ensino da arte. In BARBOSA, A. M (org.). WILSON, B. et al. Arte Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2005. p. 79- 94.

GONÇALVES, S. M. A. de O.; SILVA, M. T. C da. O papel da arte no desenvolvimento da criança. In: STORI, N. (org.); SANTOS, E. A. et al – O despertar da sensibilidade na educação - Através de diferentes manifestações artístico-culturais: uma proposta de capacitação de educadores de crianças da periferia da cidade de São Paulo - São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie : Cultura Acadêmica, 2003. p. 61- 73.

LANIER, V. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, A. M (org.); WILSON, B. et al. Arte Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2005. p. 43-55.

NUNES, M. de F. L.; QUEIROZ, M. R. F.; Artes plásticas na educação. In: STORI, N. (org.); SANTOS, E. A. et al - O despertar da sensibilidade na educação - Através de diferentes manifestações artístico-culturais: uma proposta de capacitação de educadores de crianças da periferia da cidade de São Paulo - São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie : Cultura Acadêmica, 2003. p. 77- 110.

OTT, R. W. Ensinando crítica nos museus. In BARBOSA, A. M (org.); WILSON, B. et al. Arte Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2005. p.113-141.

READ, H. E. A educação pela arte. Tradução Valter Lellis Siqueira São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SACRISTÁN, J. G. & GÓMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa, Porto Alegre: Art Med., 4ª Ed., 1988.

SIMSON, O. R. de M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. Educação não-formal – cenários da criação. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SOUSA, A. B. Educação pela arte e artes na educação. 3º vol: Música e Artes Plásticas. Instituto Piaget, 2003.

STORI, N. (org.); SANTOS, E. A. et al - O despertar da sensibilidade na educação - Através de diferentes manifestações artístico-culturais: uma proposta de capacitação de educadores de crianças da periferia da cidade de São Paulo - São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie : Cultura Acadêmica, 2003.

ZANIN, V. P. M. Arte e educação: um encontro possível. Colloquium Humanarum - Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) - Presidente Prudente, v.2, n.1, p. 57 - 66, jan./jun., 2004.